

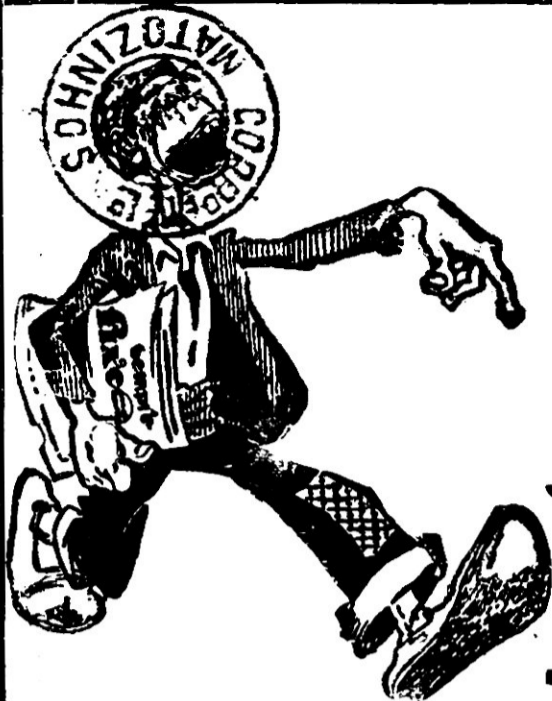
QUINTA-FEIRA
Lisboa --10 de Março de 1932

5 TOUS
DE MARÇO

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

303



sempre fixe

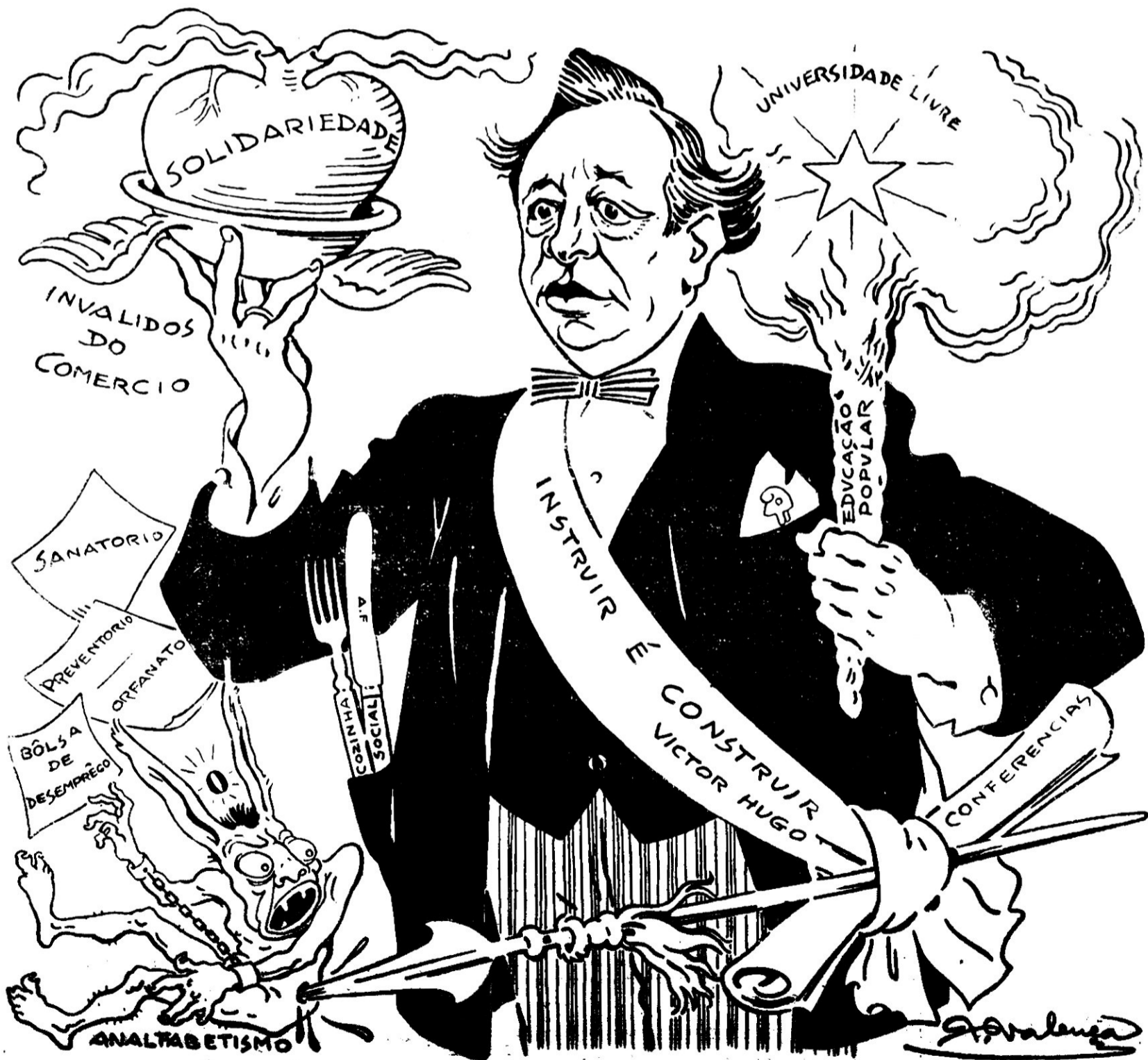
semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Alexandre Ferreira



Coração para dar e vender. Tão grande, que mal lhe cabe no «peito ilustre lusitano». Rarissimo caso de hipertrofia de amor pelo proximo e de odio ao analfabetismo.



Os ditos da semana



Aviões Ingleses Estiveram aí os aviões ingleses, na semana passada.

Bem os vimos a rebolar-se no céu como se fossem garotos retoçando na palha dum eira. Parecia que o seu era deles. Ora de cabeça para cima, ora de cabeça para baixo eles lá andavam misturados com as nuvens e as gaivotas, para nos darem o prazer de saber que a nossa velha aliada é muito rica e tem tanta gente que até já escolhe alguns dos seus filhos para passá-los.

Gostámos muito daquela patiscada, mas não foi novidade nenhuma para nós, porque nós também temos daquilo e temos até por costume fazer com eles o que os outros não fazem, como, por exemplo, o raid do Atlântico.

O que eles, porém, não tem é um céu de inverno como o nosso. Está claro. Os aviões são muito caros e o céu é de graça, senão também o não havia.

E os ingleses sentem tanto a sua inferioridade, nestas coisas de sol e de céu, que a primeira coisa que fizeram foi sujá-lo com nuvens de fumo — os grandes invejosos. Até nos pareceu pouco decente que eles andassem aí, por cima das nossas cabeças, pff, pff, pff, a expelir vapores com tanta cerimônia.

Aquilo não fazemos nós, pelo menos, diante de gente.

Afonso XIII Afinal o manifesto de Afonso XIII não era de Afonso XIII. Aquilo foi o que, em bom português, se chama uma indrômina. Conveiu, em determinado momento, fazer aquele barulho, dar aquele esticão ao aparelho monárquico, para reanimar. Espartana, alcool canforado ou coisa que o valha...

E tudo continua como danças.

So não conseguimos compreender para serve aquela insistência em reclamar uma corôa que não existe. E logo dois pretendentes..

O tempo O Caramulo, os Aícos de Val-de-Vez, Favaio, Travanca de Lagos e Folgoso queixam-se de que está caindo neve.

Penamacôr, Pombeiro, Momenta da Beira Alandosa dão graças porque chove.

Montalvão pede chuva.

Ferragudo queixa-se de que chove de mais.

Mogofofas diz que chove,

mas que agora já não valia pena, porque está tudo estragado.

Ora vá lá Deus Nosso Senhor ser sacristão com tal freguezia...

O filho de Lindbergh

Uns bandidos raptaram um filho de Lindbergh e pedem pelo resgate a bagatela de 50.000 dolars.

Embora, na America, 50.000 dolars, sejam assim uma especie de catorze vintens e meio, não ha duvida que custa muito a largar dinheiro para adquirir uma coisa que já nos pertence, que nos deu trabalho a fazer e a manter e em que se põe o melhor das nossas esperanças.

O dito já é velho mas não deixa de ser apropriado: o que se está passando com o filho de Lindbergh é exactamente o mesmo que se dá com a agua, que é nossa, e que os galegos no la vendem.

O que nos consola é que ca-

ros daqueles só na America se dão. E faz enternecer o coração mais impedernido vêr o gêsto de Al Capone oferecendo 10.000 dolars a quem descobrir o petiz.

Nós, se estivessemos no lugar dos bandidos raptadores, facultavamos imediatamente o miudo á policia, elevando assim de 50 a 60.000 o preço do resgate.

E estávamos todos a ganhar...

De Cruz

De Cruz e Souza recebemos um exemplar do 2.º milhar do fadomarcha, «Adeus Sevilha», que obteve a segunda classificação no recente concurso de T. S. F., Houve 504 pessoas, entre 1996, que deram o segundo lugar aquela composição de Cruz e Souza, porque não podiam dar o primeiro simultaneamente a todas elas.

Se o não fosse já, Cruz e Souza ficaria sendo um dos primeiros compositores da Eu-

ropa, segundo a abalisada opinião de Alfredo Pinto (Sacavem) no Jornal do Comercio.

Não nos espanta o talento musical de Cruz e Souza: o que nos admira é que possa escrever tão lindas musicas um homem que é tão analfabeto que até assina de +

Ditado ás avessas

Nós logo vimos, quando começaram aquelas brigas na Camara Municipal, que ali havia faltas de linheiro.

Confirmando as nossas suspeitas, apareceram informações claras e precisas nos jornais. Mas verificamos, com grande espanto, que desta vez, ao contrario do que diz o ditado da sabedoria das Nações todos railham e todos tem razão.

Uma máquina

John Kindon, inventor inglez, construiu uma máquina, cujo fim é, nem mais nem menos, do que depenar galinhas. E esteve o pobre inglez, naturalmente, longos anos, agarrado ao aparelho, queimando as pestanas e escaramochando as mãos para produzir aquela obra quando, se nos pedisse, nós lh'a teriamos facultado gratuitamente, com grande e geral satisfação de todas as as galinhas lusitanas que já estão cançadas de ser depenadas.

Dr. Bustorff Silva



Advocacia, arte, negocios e critica. Discursos nos tribunais e nas assembleias gerais. Um amigo da justiça e dos artistas. Um homem do seu tempo... que é pouco, porque o tempo quasi não lhe chega para o que tem a fazer.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas.	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.	Ano:	34\$00

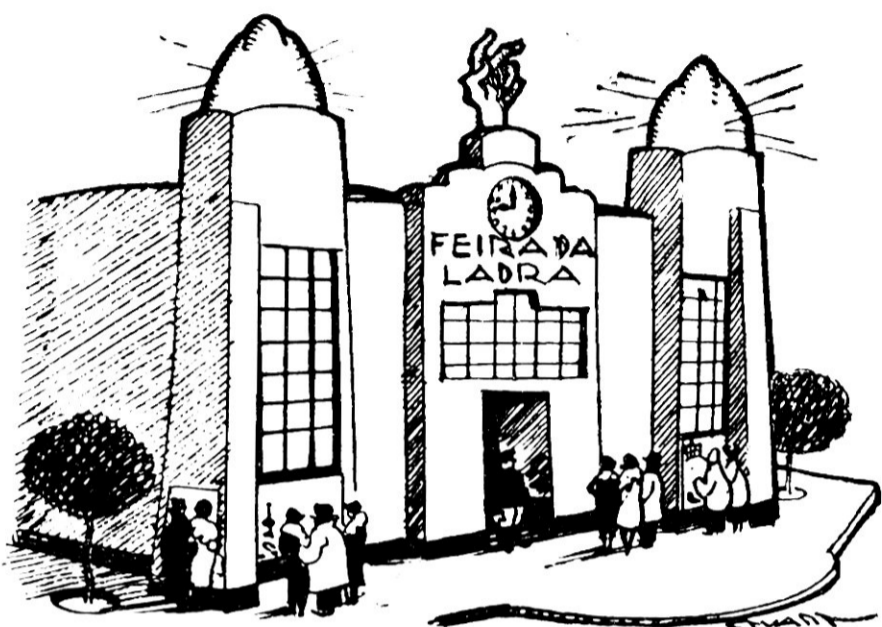
N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«DETROZ PRETO...»

Melhoramentos citadinos



— Projecto para o Palacio da Feira da ladra.

SERENOU o tempo no Parque Mayer. Por enquanto, os ares estão calmos.

O *Pim-Pam-Pum*, no Variedades.

O *Merulhão*, no Maria Vitoria.

Qualquer dia, vem aí uma rabanada de vento e lá vira tudo, de novo, os pés pela cabeça.

O vento talvez chegue no dia 18, em forma da companhia Hortense Luz.

■ ■ ■

CONSTA que, a seguir a *Menina do Côro*, se representará no teatro Politeama uma outra farça, intitulada *O Menino do Côro*.

O menino deve ser, com certeza, o Vasco Santana.

Ele será menino, mas do côro é que não.

■ ■ ■

GENERO livre no teatro Apolo. caso para dizer que ressurgem o teatro português.

■ ■ ■

VAI uma alegria pelo teatro Variedades que até parece impossível! O *Pim-Pam-Pum* tudo consegue.

Naquele teatro canta tudo de cochicho...

■ ■ ■

TODA a gente se admira de no

Coliseu dos Recreios, andarem a dançar há já 100 horas.

No teatro conhecemos alguns que tem dançado toda a vida. Agora, por exemplo, no Parque Mayer, durante cinco dias andou tudo numa dança e ninguém se fatigou...

■ ■ ■

NAO se fala em Lisboa noutra coisa que não seja a reaparição do Gastão Alves da Cunha.

Toda a gente quer ir ao Gimnasio ver a estreia da *Estrangeirinha*, só para o admirar.

De esbelto para cima, temos ouvido chamar-lhe tudo.

Ai Gastão, como nós te invejamos!...

■ ■ ■

INTITULA-SE O *Estandarte* a peça que Antonio Ferro está escrevendo.

O *Estandarte*?

De que agremiação?

Será o estandarte da Associação da Critica?

■ ■ ■

DO *Diario de Lisboa*:

«O *Banqueiro-Burlão*, ou seja *Ces Messieurs de la Santé*, peça de grande éxito que ainda se encontra em cena em Paris, vai ser representada em breve no Trin-

dade pela companhia Lucilla Simões, incumbindo-se do protagónico — papel de exame (o italico é nosso) de grande relevo — o actor Erico Braga.»

Papel de exame?

Então o Erico ainda precisa de papéis de exame?

Papel de exame — só se for a certidão de idade.

■ ■ ■

UM *récord*.

Subiu de 300 a 301 o numero de gargalhadas dadas por noite no teatro Politeama.

No entanto, Vasco Santana conta melhorar o *récord*, estando já trabalhando nesse sentido.

■ ■ ■

OUTRA do *Diario de Lisboa*:

«O actor Mendonça de Carvalho, na qualidade de representante dos autores americanos, acaba de receber os direitos á representação, em Portugal, da peça *O Ultimo Céu*.»

Os direitos ao *Ultimo Céu* são do Mendonça de Carvalho?!

Não ha direito!

Então o ultimo céu é só para ele?

■ ■ ■

CONSTA que na ultima representação de *A Cadeira da Verdade*, o seu autor, o dr. Ramada Curto, se sentará nela.

Mais consta ainda

Que o Joaquim Almada tem or-

dem para, nessa altura, não pôr a corrente em comunicação...

■ ■ ■

BEATRIZ Costa, além do *Burlão*, tem agora também *Um Marujinho*.

E ela faz de tal maneira o *Marujinho* que tem já muito quem queira navegar naquelas aguas...

■ ■ ■

ESTA marcada para quarta-feira a estreia da peça *O Ciclone*.

E' melhor auscultar o barometro hoje.

Porque pode ser verdade...

■ ■ ■

O empresario Lopo Lauer contratou para a sua *tournee* ao Brasil um grupo de bailarinas alemãs que usa o titulo de *Sete Maravilhas*.

E' de esperar que os «brazilicos» fiquem maravilhados de haver ainda tantas!...

■ ■ ■

QUANDO o *Bicho de Mato* voltar para a toca, irá no Avenida o *Az das Fitas*. E então ficará definitivamente resolvido o problema do cinema sonoro, que tão silencioso tem sido em Portugal!

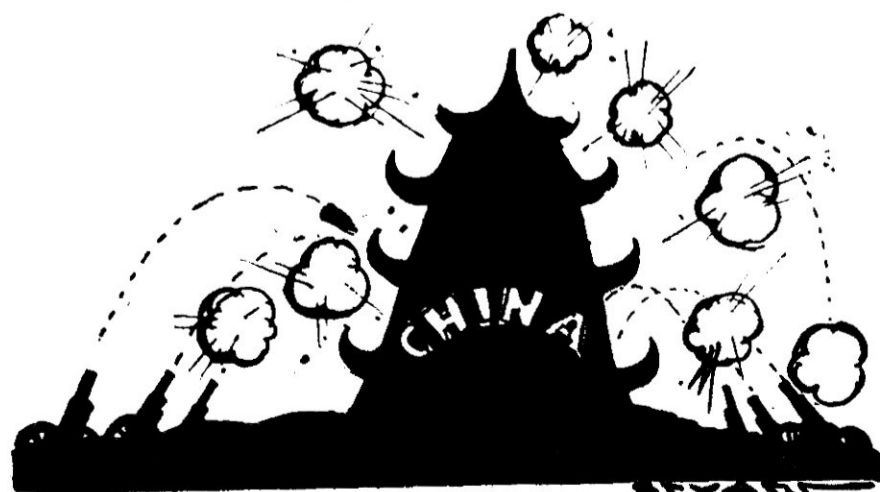
■ ■ ■

A nova temporada do Apolo inicia-se com a peça do saudoso comediografo André Brun, intitulada *A mulher do meu amigo*.

Deve ser muito boa...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

O Pagode... Chinez



XANGAI 5: Foram aceites as propostas de Paz pelo Japão.



— Ela é bonita, não é? — pergunta o marido em Marte. Será verdade?

— Pele interesse que estás tomando com o telescópio, o que deves fazer das mulheres...

A grande surpresa do Barata

O Mota, ainda muito longe o Estando e já andava num carro para que os quatro dias do Carnaval fossem em cheio no seu club. Lá andou, pois, este ano no mesmo entusiasmo e, como das mais vezes, fez convites a todos os vizinhos, contratou o "Jazz Melody Horível" distribuiu chapéus carnavalescos e arranjou números variados para o palco, de entre os quais sua prima, um *indoloso* soprano leve. Enfim, as festas prometiam.

Ora, uns cinco dias antes da partida, o nosso homem, que já tinha falado nela ao Barata, encontra-o e diz-lhe:

— Ainda bem que te encontro, ó Barata! Espero que não faltes às festas no meu club, que prometem ser boas. Olha, a minha prima vai cantar alguns números de sucesso. Não faltes, não?

— Não, — respondeu o amigo — e olha, reservo para lá uma grande surpresa de aerado certo.

— Mas que é?

— Isso é segredo.

E os dois amigos despediram-se.

Passaram os dias, chegaram as festas, e o nosso Barata entrou no club, observou a grande festa e disse ao Mota:

— Sempre queres que faça a surpresa, o tal numero?

— Se é decente, decerto!

E! E! até bem própria e interessante para este divertida quadra. Vais ver, tem até muita graça, o que é que todos fazem o que eu disse... Parão?

— Isso faz-me. Esta noite, sabe o que faz.

— E pr'fizes? Jura?

— Juro!

Então anuncia o meu numero, ouvindo a todos, obediência e atenção.

Então o Barata, depois do Mota começar, entrou na sala impávido, entre os risos de todos; dirigiu-se ao piano, fechou-o e voltando-se para o "Jazz Melody Horível", convidou-o a que o servisse para uma sala contigua. Chegadas aí, o Barata fechou-a à chave e disse-lhe, entre os risos dos assistentes:

— Vocês não saiam daqui sem eu dizer. Ouviram? É uma surpresa.

Depois, mandou formar os convidados a dois e dois, e exclamou: — Agora os meus amigos, como moram aqui ao pé, vão-se chegando as vossas casas e, quando lá chegarem, cheguem às janelas e anunciem. Ouviram?

Os convidados, rindo bastante, executaram a ordem e, mal se anunciaram nas janelas, o Barata disse, em voz de trovão:

— Agora vão p'ra dentro e não saiam sem eu dizer. É uma grande surpresa!

No meio disto tudo, o Mota, que ria a bom rir, perguntou ao amigo:

— E eu, Barata, o que faço?...

— Tu?!... Tu... vai-te deitar, que eu vou fazer o mesmo!...

—?!...

ARMANDO MARIANO.

A mulher do Mota

O dr. Fontes era muito entendido em doenças de pele. Aquilo para ele era queijo, como costuma dizer-se em linguagem plebeia. O seu escritório, num dos pontos mais centrais da cidade, regorgitava sempre de clientes. Uns fóra, outros dentro — era um nunca acabar de consultas e de receitas.

Qualquer pessoa, ainda que tivesse pele de sapo, achava sempre no dr. Fontes refrigerio para os seus males. Em suma, era um portento naquela materia.

Uma vez, um amigo dos mais cairos foi consultá-lo:

— Doutor, venho muito arreliado. Eu, que nunca tive uma leve beldadura, ando agora com umas erupções que me apoquentam. Coço para aqui e para ali... Que diabo será isto?

O escultor mandou-o sentar e examinou com toda a atenção o seu amigo. Depois de um aturado estudo, lentes para um lado, pinças para outro, diagnosticou:

— Cheira-me aqui a negocio de mulheres. Vocês não tem cuidado com isto é um perigo.

Perdão, amigo Fontes. Você está, decerto, enganado. Mulheres? Não admito que ninguém seja mais escrupuloso do que eu.

— Pois sim, pois sim! Mas o cantaro tantas vezes vai à fonte que uma vez lá deixa ficar a aza.

— Qual aza, nem qual carapuça. Eu sou incapaz de faltar aos meus deveres conjugais. Como somos bastante amigos, vou fazer-lhe uma confidencia. A não ser lá uma vizinha, a mulher do Mota, senhora de toda a respeitabilidade...

— Pois, ou me engano muito, ou os sintomas dizem-me o contrario. Pelo sim, pelo não, leve esta pomadinha. Deve dar-lhe o resultado.

No dia seguinte, entre a numerosa clientela, appareceu um sujeito muito bem posto e com cara de caso no escritorio do doutor.

— Eu queria que me fosse franco.

Ando ha uns tempos a esta parte com umas bolinhas pela pele. Faz-me caso esta coisa. Faz favor de vêr.

O dr. Fontes, depois de observar bem, constatou que se tratava de um mal contagioso.

— Já sei de que se trata. Vocês não tem cuidado com o mulheiro...

— Por quem é, não suponha tal. Eu sou a criatura mais cuidadosa deste mundo. Veja bem, porque deve tratar-se de outra coisa qualquer. Não costume fazer dessas extravagancias. A não ser...

— A não ser?

— O doutor vai de culpar-me. Conhece a mulher do Mota?

— Perfeitamente.

— Oh! Mas não pode ser. É uma senhora muito bem educada e toda dada á hygiene.

— Bem. Leve esta pomadinha que lhe receito e continue a não duvidar, que anda muito bem assim.

Decorreram alguns dias e novo cliente surgia á porta do consultorio, encavacadissimo porque desejava falar em segredo com o sr. doutor.

— Faça favor de entrar.

Era um tipo um tanto alabregado e que pelos modos, tambem estava doente.

— Não sei que tenho, a que devo atribuir estas comichões. Fui sempre tão saosinho de corpo. Valha-me Deus. Vê, doutor, a pele toda inchada. Eu, que fui sempre tão cuidadoso.

— Não ponha mais na carta. É uma pessoa muito séria, incapaz de uma extravagancia fóra de casa.

— Justamente.

— Pois sim, mas conhece a mulher do Mota, não é verdade?

O labrego abriu muito os olhos com espanto e retorquiu:

— Mas o Mota sou eu, sr. doutor!

Tabicant!

MAXIM.



Semfilista, automobilista e amador de muitos outros desportos e manias, Abilio Nunes dos Santos é uma das figuras mais populares do nosso tempo. Conhecem-no todos os radiófilos de Portugal, e começam a apreciá-lo os do estrangeiro. Foi condecorado solenemente, pelo Chefe do Estado, na Sociedade de Geografia, em homenagem á propaganda que, pelas partes do mundo, faz a sua estação radiofonica. Oxalá não se ponha vaidoso com a comenda e continue a pôr-nos radiantes com as irradiações da sua radio C. T. 1 A. A.!

Graça dos outros

Ela: — Quando é o teu aniversario, querida?

Ela: — Quando tu quebras!...

— Qual é a sua profissão?

— Escrevo!

— E o que faz você para viver?

Ela: — Quero morrer!

Ela: — E eu!

Ela: — Então não quero!...

Na aula:

O professor: — Sabe quando começou a guerra dos sete anos?

O aluno: — Não, senhor! Mas sei quanto durou!...

No restaurant:

— Porque estas a olhar tanto para o teu chapéu?

— Porque roubaram ha pouco o teu!...

A mulher: — Porque não vais vêr o teu amigo Alberto, que está tão doente?

O marido: — Tens razão! E de caninho levo o cão a passear!...

Na cadeira do dentista:

O mecanico: — Porque está a gritar tanto, se ainda não lhe arranquei nenhum dente?

O paciente: — Porque, ha um quarto de hora, o senhor me está a pisar um calo!...

A mulher: — Encontrei lugar na fabrica?

O marido: — Sim, amanhã podes ir para o serviço!

— Não sei se me dedique á pintura, se á poesia!

— Escolhe a pintura!

— Já viste os meus quadros?

— Não, mas já ll os teus versos!...



— Maldito nevoeiro, não se vê nada nem deixa os outros vêrem...

Cronica jurídica

Um advogado muito conhecido, *doutor* de professor universitario, enviou ha tempos, a um seu cliente, a conta dos serviços ultimamente prestados: a bagatela de quarenta mil escudos...

O cliente, que é comerciante, achou demais. E um dia, subindo ao escritorio do referido advogado, fez-lhe ver isso mesmo, argumentando ainda com a falta de dinheiro, consequencia da terrivel crise actual. O doutor ouviu, ouviu, e, no fim, respondeu que ia ver se podia tirar qualquer coisa, prometendo enviar de novo a conta daí a dois ou três dias...

Passados três dias, com effeito, o nosso comerciante recebeu a conta. Mas qual não foi o seu espanto ao lêr, por baixo da antiga cifra dos 40.000\$60: *Consulta sobre redução de honorarios* — 2.000\$00. E, na outra linha: *Total* — 42.000\$00...

Numa roda de advogados e politicos, no «Café Chiado» do sr. Dantas e do sr. Camacho, discutia-se ha dias *A Cadeira da Verdade*, ultima peça do criminalista dr. Ramada Curto. Um amigo intimo do dramaturgo, fechando a discussão:

— E que seria se nós fizéssemos sentir n' *A Cadeira da Verdade* — o proprio autor?!

F., juriscultor de grande fama, estreou-se na advocacia com uma notavel petição, redigida com elegancia e equilibrio e plena de citações de acordãos e de juriscultos nacionais e estrangeiros. Mas, apesar disso, o juiz, passando-lhe uma vista d'olhos, negou-se a recebê-la.

T., desgostoso, foi para casa, leu

cuidadosamente a petição e nada encontrou que justificasse a recusa. Devia, no entanto, haver um motivo. E ele, convencido de que esse motivo estava na propria petição, e que só o entusiasmo do momento o não deixava vê-lo — pôs-se a redigir nova petição, não menos elegante e não menos erudita, que em seguida foi levar ao juiz. Mas este, voltando a olhá-la, novamente se recusou a recebê-la. Era demais! E o novel advogado, surpreso e furioso, perguntou a causa da repetida recusa. Ao que o juiz respondeu, com o ar mais natural deste mundo:

— Pois se lhe faltam as margens, como quere o meu joven colega que a sua magnifica petição fique junta, metida no processo?!

Na Faculdade de Direito, os alunos, em regra, passam nas aulas, fumando e conversando, os intervalos. Da-se tambem o caso de que um professor, o dr. R. S., assim que a campanha dá o sinal de terminada a aula, acende, infalivelmente, um cigarro. Ora ha dias, numa sala que o professor R. S., anteriormente occupava, dava aula o professor N. de M. Como a sala estivesse cheia de fumo, dos cigarros no intervalo dama para outra aula fumados pelos alunos, a prelecção do distinto mestre estava constantemente a ser interrompida por fortissimos ataques de tosse de seus discipulos... Até que o professor N. de M., num parentesis, depois de olhar significativamente as nuvens de fumo que cobriam a sala, e num dos seus maliciosos sorrisos:

— Quando acabarão v. ex.^{as} de fumar dos esplendidos cigarros do senhor professor R. S.?!

JOTA EME.



Com chapéu tão grande, não admira que as mulheres doutoras, tempos há, fossem tão... levianas.

A cadeira... elétrica

Por uma série de curiosas coincidências, o John passava, em Boston, sua terra natal, por ser o homem mais teso de algumas léguas em redor. Desconhecidos, porém, de tão falada valentia, e mais ainda porque ela se manifestava por vezes de maneiras bastante duvidosas, resolveram alguns amigos, de combinação com o illustre funcionario que com geral aprezentamento manejava a cadeira eléctrica, fazer-lhe uma partida. E assim, combinado o dia e a hora, foi o nosso amigo John preso e conduzido, após um interrogatorio sumario, para a fatal cadeira. Atrapalhado e surpreendido, o nosso aspirante a heroi não dizia uma palavra. E, ou porque, por mal, voltas que desse à imaginação, não ganhava com a causa da condenação, ou porque em sua consciência alguma coisa o accusava, foi silencioso que se aproximou do local destinado ao «sinistro» de seu falecimento.

Convencido de que o nosso homem ia dar parte de bravo, começou o pseudo-carrasco, com grande gaudio dos assistentes, a fazer os preparativos necessários à grande espinharia funebre que se ia iniciar. Porém, e com grande espanto de todos, o futuro cadáver, aparte uma cor cadaverica e umas ligeiras contracções faciaes, mostrava-se absolutamente preparado para travar conhecimento com a morte, não pedindo clemencia não implorando piedade, como os assistentes esperavam e desejavam para o demitirem da sua situação de «homem mais teso de algumas léguas em redor».

Convencidos de que o homem se continuaria portando valentemente, e porque mais nada desejavam de que pregar-lhe um susto, resolveram os «algozes» desistir da cerimonia...

Então, o principal organizador da parodia, um sujeito millionario que se entretinha bastante com essas «inofensivas brincadeiras», tomou a palavra e explicou:

— Meu amigo! devo declarar-lhe que pretendemos unicamente pôr á prova a sua afamada coragem. E, visto que o senhor tão valentemente se portou, dirigindo-se para a morte sem um protesto, sem um queixume, levando o seu heroismo ao ponto, de se deixar condenar innocente, numa cega obediencia ás nossas leis, não só o restituimos gostosamente á liberdade e á vida, mas ainda lhe dizemos: «Peça o que pretender! Dinheiro, o que quizer! O seu pedido será immediatamente satisfeito!»

Então, o afamado heroi, contentado a custo uma maior e mais violenta contracção facial, disse:

— Muito obrigado! E então, para começar, comecem por me dar umas ceroulas lavadas! — A. N.



O senhor alemão: — Você tem um lindo colar de contas...

Ela: — Um melhor tem o seu ministro das Finanças... Um grande e lindo colar com contas da Inglaterra... com contas da França... com contas de Portugal...

Elevador da Gloria

A mãe: — Não gosto nada do teu noivo. Logo que entra em casa, começa a mandar!

A filha: — Tem paciencia! Deixa-o fazer o que quere mais alguns dias! Para a semana que vem, já será meu marido!

Alvejaras:

— E' aqui que dão cinco contos a quem encontre um colar?

— Sim, trã-lo aí?

— Não, mas venho pedir um adeantamento, para o procurar...

Entre meninas:

Maria Antonia: — A mamã não quere que eu leia esse livro.

Judite: — Então, não o lêste?

Maria Antonia: — Sim! Li-o antes que ela m'o proibisse!...

No salão, de noite:

Sabe alguma coisa de electricidade? Fundiu-se a luz!

O pai, para o noivo da filha: —

A filha: — Não, papá! De electricidade, ele só sabe apaga-la!...

Entre bebados:

— Vejo todas as coisas em duplicado!

— Idiota! Fecha um olho!...

Num hotel da Suissa:

O «maitre» de hotel: — Não vai vêr o pôr do sol?

O hospede: — Quanto custa? E' muito caro?...

Na cadeia:

O carcereiro: — Que barulho é esse?

O preso: — Nesta cadeia ha um ladrão! Roubaram-me um par de botas!...

Entre amigos:

— Se não arranjo dois contos de réis, tenho que dar um tiro na cabeça! Podias ajudar-me?

— Sinto muito, mas não tenho revólver!...

Entre amigos:

— E a tua hernia?

— Estranglei-a num momento de loucura!...



— Pahi! O camarada! A Sociedade das Nações chama-te ao telefone...

— Diz-lhe que estou a acabar de convencer este tipo da necessidade do desarmamento, e que estou ás suas ordens...

Cacharolete

Mas que grande «chinezice» o que ha algum tempo vai pelo Extremo Oriental, desde Toquio até Xangai!

Ha tempos, os japoneses saíram, cheios de furia, e em poucos meses tomaram toda a zona da Mandchuria.

Mukden e Tsi-Tsi-Kar, Tientsin e Karbina, tudo o Japão conquistou à sua vizinha China.

Metralhadoras e «tanks» e a Aviação infernal! De tudo isto se abusou nessa terra original.

E ha dias, subitamente surgiu a nova da Paz, como se tivesse havido alguma guerra... capiz!

E, então, e que foram elas? Chenzu, Wosung e Chapel foram num momento feitas numa coisa que eu cá sei...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Bonecos de barro

E' contada na Bica P'la *Gaiola Matulona* E namora um fragateiro; Já viveu no Bairro Alto E algumas noites — diz ela — São ganhou p'ro candieiro

As vezes pega na lira Do marítimo trigueiro. Com quem anda p'ra casar. E ele até vibra de gozo. Porque ela, sempre que toca, Toca sem desafinar.

Camaradona, daquelas Que vão ao fundo do mar. Se fôr preciso lá ir... Dois quadris que dizem tudo. E uma boca grosseirona. Mas que não sabe mentir.

Tudo nela é natural. Até a própria má-lingua. Nela tem outro sabor. E deve ser primitiva. Nos labirintos da carne E nos officios do amor.

LUIZ ILARIO.

Uma do "34"

O «34» da sexta — Um destes genios disperso — Era a pessoa mais lésta Na arte de fazer versos.

Na caserna ou na parada. Na fôrma ou no exercicio. Tinha sempre *engatilhada* A rima, que era seu vicio.

Ha dias, aconteceu Que o «34» citado Foi, por triste fado seu. P'rá China mobilizado

Mas a ordem fôra urgente... E antes de ir para a guerra. Não teria, certamente, Ocasião de ir a terra.

Por isso, nem se quedou. A pensar o que fazer... Num telegrama pegou E compôs o que ides lêr:

«Vou p'rá China. Adeus, Maria. Dá saudades ás patricias E cre que assim que chegar A Cha-Pei darei noticias.»

A. ESSE (filho).



Que raiva, uma malha caída e logo hoje que tenho lição de ginastica.

Um centro salvador!

Hermenegildo, sarrão, comerciante abastado com loja de colíros no Beato, além de possuir uma anafodíssima barriga de açambarcador, possuía o gosto muito louvável do *foot-ball*.

A bola dava-lhe volta á bola e quem o queria vêr era aos domingos, nos desafios, ali á frente, nas bancadas, seguindo com interesse a trajectoria do esférico, lutando, numa gritaria ensurdecedora, pelas cores do seu *club*.

Socio fundador do Sport Parvonia e Malfica, o nosso Hermenegildo amava o *club* com a mesma furia com que os empregados publicos amam a cama e a cêra na repartição. Ele fazia parte integrante da sua vida, e se alguem ousava pôr a lingua viperina na integridade do Malfica, Salirão far-lhe-hia calar na gorja a frase vil, com a rizeja dos seus punhos.

Na tranquilidade burguesa do lar, quando a esposa, pelas noites frias de inverno, lhe fundilhava as cuccas, enquanto a lenha crepitava na lareira, Hermenegildo, pacatamente instalado numa cadeira de vèrga, lia as cronicas do *sport*, sublinhando com enfase de orador economicastico os elogios ao Parvonia e Malfica.

No seu leito de ferro, quando a esposa, sedenta de caricias, lhe pedia beijos, ele, sonhando, dava-lhe em troca termos tecnicos de *foot-ball*.

* * *

Ora, num domingo, depois do almoço, tendo a consorte posto os palitos na mesa ao nosso homem, — sim, porque Hermenegildo, sem palitos, não tinha ideias — partira para um desafio importante, em que o Sport Parvonia e Malfica jogava com o Sporting Club de Lourçal. Era um desafio que prometia, a avallar pela guarda reforçada e pela apparencia belicosa das claques. Disputava-se o campeonato da Parvonia e o nosso homem lá estava, suando em bica, *tomatizado* por um entusiasmo rubro.

Notou com amargura a falta do *avancado centro*, um dos melhores elementos do *club*, e mais amargurado ficou quando o viu a jogar no campo oposto. O arbitro apita. Malfica, sai... Uma fugida rapida

da *ponta esquerda*... Passagem rasteira... Confusão á boca das rédes... *Goal!!!*

Hermenegildo sua a-nda mais e o seu entusiasmo toca as raias do sublime:

— Anda, Moscardo... Olha essa esquerda... Cobre-me esse homem...

E o desafio continua interessando... Porém, ao fim de dez minutos, o Sporting do Lourçal mete o primeiro *goal*... Depois o segundo... Depois...

Hermenegildo ia rebentar... Com o côco entre as pernas, comprimia a raiva que lhe queria saltar pelos colarinhos... Nisto, sentiu cair qualquer coisa no chapeu... Mas era um bilhete...

Abriu-o. Horror! O que se dizia nesse pedaco de papel era uma infamia:

«Hermenegildo: Corre a tua casa. Tua mulher nos braços dum amante.»

Anonimo.

E correu, voou, estafou-se... Ah! Mas iria apanhar o ladrão da sua honra!

Quando abriu a porta do seu quarto, alguem queria saltar pela janela, um *alguem* de calças na mão, assustado com o aparecimento dum corpo estranho dentro das quatro paredes.

Hermenegildo não raciocinou. A pistola foi comprimida instinctivamente na sua mão papuda:

— Alto! Ou para ou morre!... E quando a fôrma, o *alguem*, se voltou:

— Quem é o senhor?... — Alfredo Boavista, *avancado centro* do Desunião.

— Eureka! — exclamou Hermenegildo com um abrir de braços amigavel. — Você é que vai salvar a situação.

E carregando com o *alguem*, *centro* do Desunião, fê-lo jogar a segunda parte do desafio, alcançando o Malfica a vitoria mais re-tumbante da epoca...

Estava salva a integridade do *club*, a honra da firma. E comentando, o Hermenegildo, num menear de cabeça, baboso:

— Não ha como as mulheres e o amor para salvar *enrascacoes!*

MANFREDO CASCA-GROSSA.



E' uma chinezice como outra qualquer, mas deste chá não tomam eles...

O milagre da cura

— Pois meu caro Pereira, — disse o doutor — tenha paciencia e faça-lhe todas as vontades. Eu sei que você tem queixas de sua mulher, mas, enfim, esqueça-o, porque ela morre... Faça-lhe todas as vontades... E' o fim... Você é homem e eu tinha o dever de lhe dizer isto.

O medico sai e o Pereira, tristissimo, aproximando-se do leito da esposa moribunda, diz-lhe:

— Maria, minha querida Maria! Eu sei que tenho pecados ante ti. Hoje estou arrependido! Juro-o! Perdoa-me tudo e diz o que queres... Tudo quanto quizeres, eu farei... Tudo, tudo!...

— Ouve, Antonio! — disse a moribunda. — Sempre fui tua amiga... Agora quero que te deites aqui a meu lado, muito juntinho a mim, muito juntinho. Não quero morrer sem de novo te sentir bem... Sim?

— Oh! minha filha... Tu estás doente!

— Não importa, anda! Deita-te aqui!

* * *

No dia seguinte não era a mesma. Estava sorridente e até cantava. Foi ela propria quem, ao ouvir a campainha, correu a abrir a porta ao medico, que ficou espantado ao vê-la.

— Como as-im?! Que milagre foi este? Diga! E onde está o seu marido? O Pereira onde está?

— Lá dentro, no nosso quarto...

O medico atravessou apressado a casa. O Pereira lá estava, de facto, na cama. Via-se que estava enervado, louco de desespero.

— Ah! doutor! — disse ele. Fiz á Amelia o que ella me pediu... E o efeito foi este que vê... Maravilhoso! Maravilhoso na verdade... Mas não tenho sol que me aqueça, mesmo assim...

— Hom'essa?! — Quando eu penso — acrescentou o Pereira entre soluços — que deixei morrer meu pai... Se eu tivesse sabido!

Quereis dinheiro?

Joga! no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Secção Mundana

Partidas e chegadas

Partiu uma perna o nosso amigo José Rosado.

● Chegou á 15.ª representação a peça do dr. Ramada Curto, *A Cadeira da Verdade*.

● Chegou ontem, no porão dum navio, o nosso correligionario J. Boavida, que viajou clandestinamente desde Marselha. O illustre desportista, que foi muito felicitado pelo seu feito, foi entregue á policia maritima.

Ceramentos

No Royal-Cine, e no meio duma enorme fita em 17 partes, pediram a mão a M.elle Lili Costa. Irredimível com o tamanho das partes, a homenageada retirou-se no fim do 3.º episodio, não tendo por isso chegado ao 4.º.

● Esteve mais uma vez para se consorciar a gentil M.elle Candida Pina. Na *corbeille* não se viam prendas pelo estado de consternação em que se encontra a familia.

Doentes

Acusado de apendicite, recolheu ontem incomunicavel a um quarto particular do Governo Civil, o nosso amigo Rodrigo de Melo, antigo deputado por S. Tomé, que, ao que parece, vai ser agora deportado por Lisboa...

● Após ter sido tratada por um dentista do Hospital Militar, está a guardar o leito a exm.ª sr. Dona R. P., moradora na Avenida da Liberdade. Atribue-se o facto a ter-lhe colocado mal essa dentadura o militar.

● Com grande acompanhamento, realizou-se o baptisado dum filho do nosso amigo H. Mergulhão. Na altura do registo, os padrinhos nome fele, pelo que foram ontem pretenderam por ao neófito um julgados no Toren e condenados em 900 escudos de multa.

Nascimentos

Deu á luz da ribalta mais uma exvista por sessões o nosso querido amigo Lino Ferreira. Pai e filha encontram-se, felizmente, bem.

● O dia de ontem nasceu enovado e triste.

● Nasceu um abcesso no maxilar inferior dum funcionario superior do Ministerio das Comunicações. Por esse motivo, estão cortadas as comunicações com a China.

Telegrama

Carlos Silva, mariolão de 18 anos, tendo já tirado o curso dos liceus, resolveu matricular-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Obscuro pela beleza das tricanas, jamais conseguiu, nos seus estudos, alcançar alguma coisa de geito.

Farto de gastar dinheiro, o pai já não podia suportar o estouvamento de seu filho. Por isso, sempre que ele vinha passar as férias grandes a casa, com alguma raposa, chegava-lhe desalmadamente a roupa ao pélo.

Passados três anos, o nosso herói voltou a ficar reprovado e, por uma questão de amor á pele, escreveu o seguinte laconico telegrama ao seu irmão mais velho:

«Chumbado. Prepara pai.»

Baldados foram os esforços feitos pelo irmão para acalmar a ira do pai.

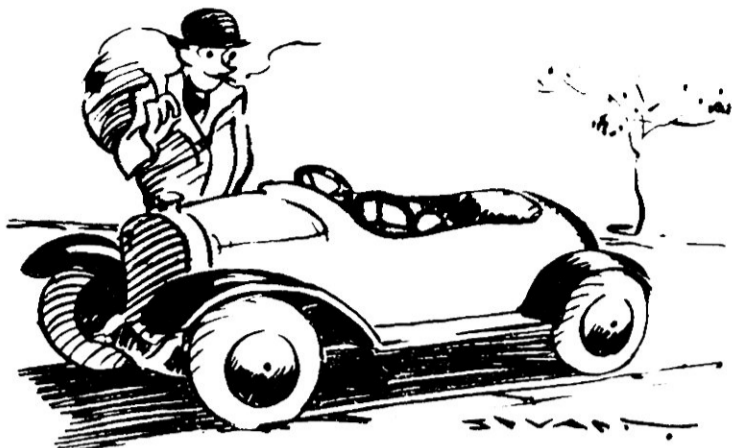
Na impossibilidade de lhe salvar a pele, deu-lhe a seguinte resposta:

«Pai preparado. Prepara-te tu.»

Sortes grandes ?

só o PINA an vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



— Em que estado eu estou, que até já vejo dois volantes !

DESSPORTOS

ANTROPÓPITECOS

A arte de esmurrar as ventas a cada um não é nova. Esta arte, que dá fortunas, nasceu logo que dois humanos pisaram a erbe terraqueo.

Mais tarde, na Grecia civilizada, a ciencia de dar murros não deixou de ter inumeros adeptos.

Os elegantes da idade da pedra lascada, como os elegantes dos tempos modernos, consideram os murros a *nobre arte*.

Lêmos, outro dia, um livro que tratava do sóco, editado no ano de 3000 antes da era de Cristo.

Ficámos encantados.

A obra tem paginas de brutalidade difficilmente excedidas nos nossos tempos.

A descrição dum mastodonte, de nome Primo Carnera, com a megallitica personalidade de Pierre Charles, é uma descrição ao vivo e admiravel. Parece que o bruto do Carnera reduziu a pierre o Pierre Charles. Este morreria se não fôsse o auxilio do antropopiteco Santa, mais conhecido pelo *Camarão*.

O encontro destes dois *marcos itinerarios* Carnera-Camarão deve ser uma coisa falada e muito so-

cada. Está sendo aguardado com muito interesse.

★ ★ ★
A direcção da Federação de Foot-ball está cõxa. Faltam-lhe os dois membros Carlos Alberto de Figueiredo e Manoel Mesquita. Apesar disso, a Federação continua a sua marcha. Como?

Referindo-se a este organismo, um magistrado illustre classificou a actual direcção de *nado-morto*. Será verdade?

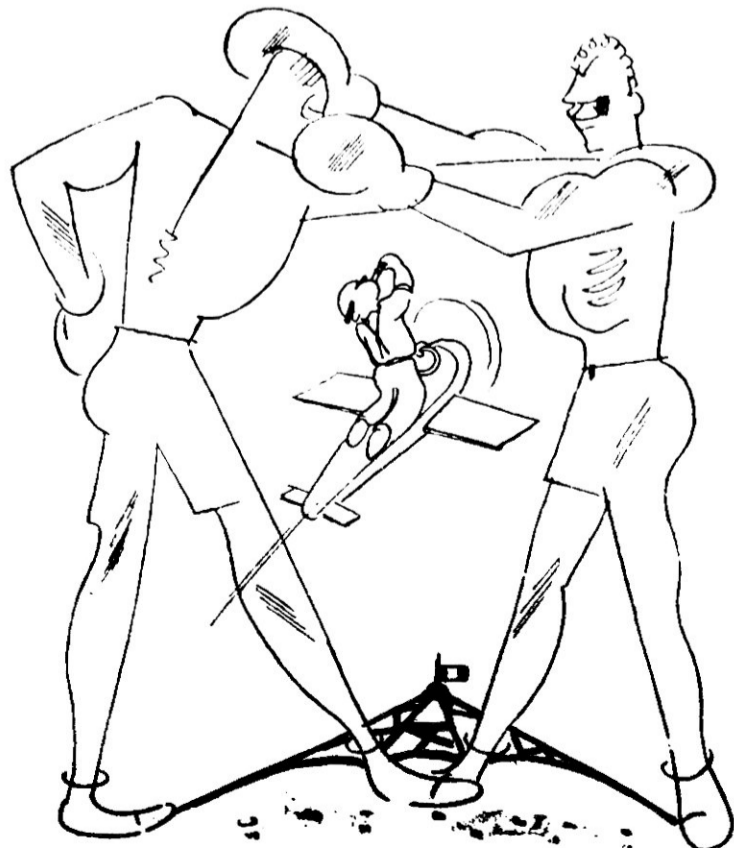
★ ★ ★
Um jornal da especialidade, no seu derradeiro numero, inseriu uma reportagem de atletismo com o seguinte titulo: *O campeonato regional de «cross» viu uma quadrupla victoria do Bemfica*.

Costámos da critica. Reconhecemos que é uma *critica quadrupla dum quadruplo critico*...

★ ★ ★
Uma revista da especialidade, referindo-se ás novas esperanças do tennis, classificou-as nesta imagem brilhante: *lagartas de que desabrocharão as fortes borboletas de amanhã*...

E' caso para afirmarmos: *Lagarto, lagarto, lagarto, três vezes lagarto*... — JONICA.

BOX - AÉREO



Um combate entre o Santa e o Carnera, pelas alturas, deve considerar-se aéreo.

A retalho

Um amigo nosso, ha muitos anos no Rio de Janeiro, escreve-nos a dizer que o maior successo do Carnaval deste ano, na capital carioca, foi o obtido pelo grupo «Nóis sêmo», que tinha por estribilho o seguinte:

Nóis sêmo...
Nóis sêmo...
Nóis sêmo da gauda e da o

Nóis sêmo...
Nóis sêmo...
Nóis sêmo da fuzarca e da fela

Entra ligeiro, meu bem,
Neste grupo fuzarquetto
Ven ver o que é carnaval
(Coro) Meu bem!

Não é preciso dinheiro,
Entra sem medo, Ina!
Entra sem medo, Ina!
Quem não gosta da fela
(Coro) Meu bem!

Não sabe o que é gosa

Estribilho

Nóis sêmo...
Nóis sêmo...
Nóis sêmo... etc.

★ ★ ★

A senhora Bardours, de Lion, possuidora de grossas maquinas, deixou no seu testamento a seguinte disposição:

«Deixo ao meu médico, em reconhecimento aos cuidados que sempre me dispensou, e graças aos quais cheguei a tão avançada idade, tudo quanto está na secretaria preta do meu escritorio.»

Aberto e movel, descobriram-se todas as drogas que o médico havia recetado á senhora Bardours.

★ ★ ★

Na rua do Ouro, um civico tenta erguer um ébrio, mas este não consegue ter-se nas pernas. O policia, dotado de bons sentimentos, e para evitar maior maçada, vai a uma farmacia basear um boçudo de algodão embebido em amoniac. Esfrega o nariz do ébrio. Este espirra, ergue-se e, já meio aliviado, diz:

— Muito obrigado, sr. guarda, já estou capaz de outra...

★ ★ ★

Outra samba do Carnaval carioca deste ano, intitulada «Não quero trabalhar»:

«Na malandrage ninguem pode comigo,
Pois lá no morro eu só o imperadó.
Posso affirmá não tenho inimigo,
Nem si qué Deus nosso sinhó!

(Coro com duas vozes)

Vivo triste sempre a pensá
No dia que acaba a malandrage.
Pois passarei então a pená
Porque só gosto da vadiage.

Na malandrage, etc.

Ol, não nasce pra trabalhar,
Nem pra força também fazê.
Trabalho só foi feito pra quem tem força
prá dá
Vivê na malandrage, é o que alguém a
de quê.



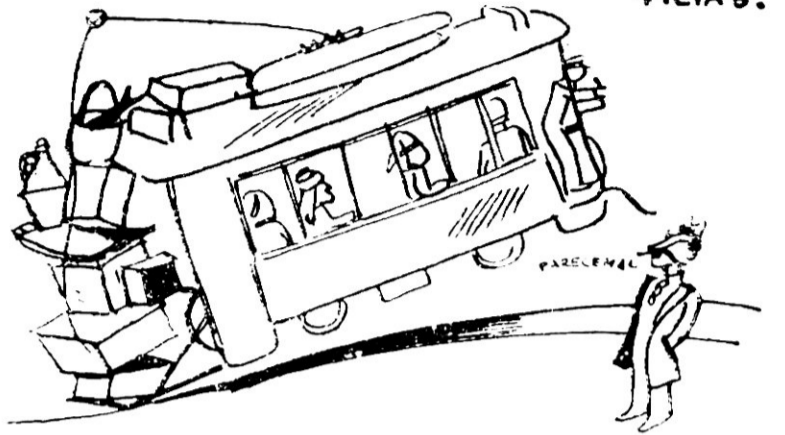
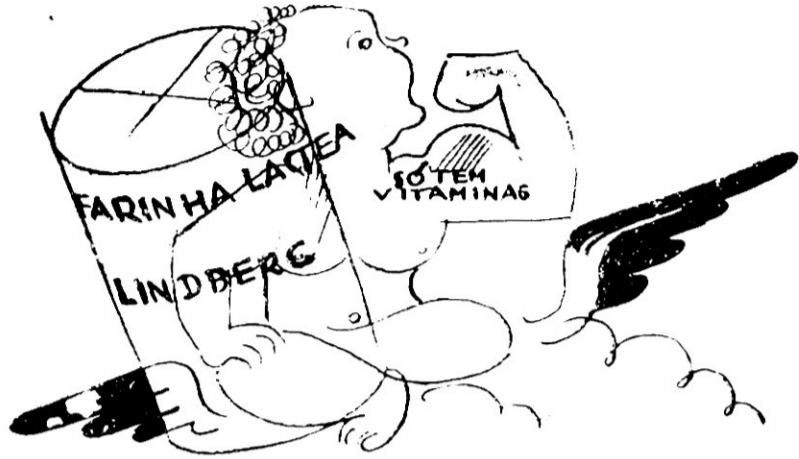
O japonês: — Recta lá 20 kilometros se queres que façamos as pases.

O chinês: — E' o vals; só quando perder a minha rica paciencia.

ECOS DA SEMANA

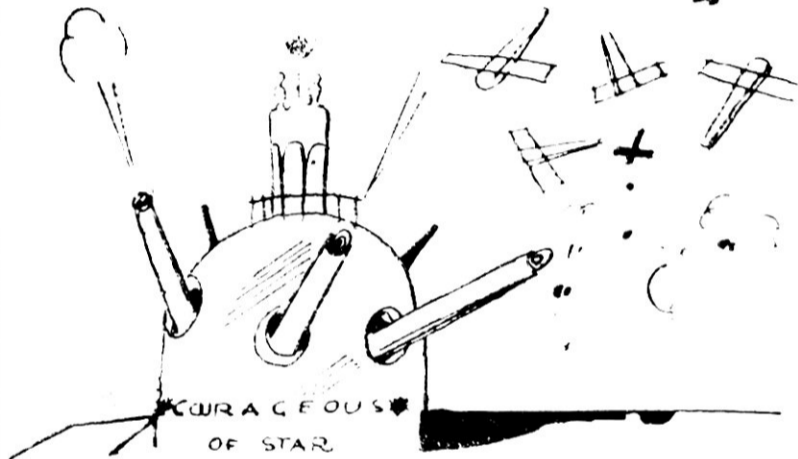
NO FIM DE TUDO ÉSTA HISTORIA DO NENE DO LINDBERGH É CAPAZ DE SER UM RÉCLAME A AMERICANA...

UM ASPECTO DUM ELECTRICO DEPOIS DO ALVITRE DO NOTICIAS.



FICAMOS SABENDO "COURAGEOSAMENTE" QUE SE NÃO ARDANJAMOS DEFEZA, UM DIA, NEM A ALMA SE NOS APROVEITA.

CLAUDIO CARNEIRO, SEM BATATAS, PORQUE AO OUVIR AS SUAS OBRAS NINGUEM TEM CORAGEM DE LHAS ATIRAR BRAVO!



O TRANBELAZANAS ALVES DA SILVA E O NEÓFITO MOTA QUE SE PORTARAM A ALTURA NO "SIEGFRIED" E NAS "DANCAS HUNGARAS", NO TIVOLI!

POIS SIM! VOCÊS TEM, MESMO, MUITA AUTORIDADE PARA FALAR!!



'DIOGO' EN DIANTE, O 'PAI DOS GATOS', VAI TER UM MOMENTO DE GOSTO "SEGURADO"

BREVEMENTE INAUGURAÇÃO DO BAIRRO COLONIAL COM FAUNA E FLORA A CAPRICHOS... TAMBEM NA CAÇA...

